

Gisela Barcellos de
Souza

Orientador:
Prof. Dr. Paulo Valentino
Bruna

C OMPASSAR e URDIR: A CONSTRUÇÃO DE UM INTERCÂMBIO ATRAVÉS DOS DOIS PRIMEIROS SAL¹

RESUMO

O presente artigo aborda a constituição de encontros culturais cuja concretização ocorre em momentos precisos e depende do engajamento direto dos agentes envolvidos. Enfoca-se, em específico, o processo de construção de um intercâmbio que ocorreu de forma programática ao longo de dez anos e marcou profundamente a cultura arquitetônica latino-americana, nos anos 80-90: os Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL). As tentativas de explicação para o surgimento dos SAL enfatizam, frequentemente, a existência de múltiplas origens. Se, por um lado, a afirmação dessas procedências diversas busca ressaltar a devida contribuição de cada um dentre os países envolvidos, por outro, essa incide, também, no risco de fazer parecer que o surgimento dos seminários seja obra de uma conjuntura fortuita, fruto do somatório de uma série de experiências isoladas e de coincidências. O objetivo deste artigo é demonstrar que, a essas contribuições e origens diversas, soma-se, também, a atuação direta de um grupo de críticos engajados na construção desses seminários. Ou seja, busca-se, ao longo deste texto, explicitar a existência de um trabalho operativo, empenhado por alguns dos personagens à frente dos dois primeiros seminários, que visou dotar de sentido e coerência as supracitadas experiências, inicialmente desconexas. Para tanto, o presente artigo coloca em foco – para além das múltiplas origens – a atuação de personagens em específico, bem como as estratégias e os dispositivos diversos que, combinados, promoveram a conversão de interesses múltiplos em uma pauta de reflexão comum. O recorte temporal aqui abordado abrange desde os primeiros ensaios de intercâmbios até o II SAL, momento em que o trabalho operativo de construção de uma pauta comum parece completado.

PALAVRAS-CHAVE

Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL). Encontros latino-americanos de revistas de arquitetura. Intercâmbios. Encontros culturais. Crítica de arquitetura. Cultura arquitetônica.

¹ Este artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa de doutorado *Tessituras híbridas ou o duplo regresso: Encontros latino-americanos e o debate sobre o Retorno à cidade*, em desenvolvimento no Curso de Pós-Graduação da FAUUSP.

COMPASAR Y TEJER: LA
CONSTRUCCIÓN DE UN
INTERCAMBIO ATRAVÉS DE LOS DOS
PRIMEROS SAL

RESUMEN

Este artículo aborda el establecimiento de encuentros culturales, cuya realización se produce en momentos precisos y depende de la participación directa de los agentes involucrados. Se enfoca, en particular, el proceso de construcción de un intercambio que se produjo de manera programática durante diez años y que ha afectado profundamente a la cultura arquitectónica de América Latina en los años 1980-1990: los Seminarios de Arquitectura Latinoamericana (SAL). Los intentos de explicar la aparición de SAL enfatizan a menudo la existencia de múltiples orígenes. Si, por una parte, el reconocimiento de estos orígenes diversos pone de relieve la contribución de cada uno de los países involucrados, por otra, se incide también en el riesgo de hacer parecer que el surgimiento de los seminarios fue obra de una coyuntura fortuita, fruto de la suma de una serie de experiencias aisladas y de coincidencias. El objetivo de este trabajo es demostrar que a estas diversas contribuciones y orígenes, se suma también la acción directa de un grupo de críticos dedicados a la construcción de estos seminarios. Es decir, se busca, a lo largo de este texto, demostrar la existencia de un trabajo operativo – hecho por algunos de los personajes frente a los dos primeros seminarios – que tuvo por objetivo dotar de sentido y de coherencia las experiencias mencionadas, inicialmente desconectadas. A tal efecto, este artículo pone de relieve – además de las múltiples fuentes – la actividad de algunos personajes específicos, así como las estrategias y los diversos dispositivos que, combinados, han promovido la conversión de la multiplicidad de intereses en una agenda común para el debate. El análisis engloba desde los primeros intentos de intercambios hasta la realización del II SAL, cuando el trabajo operativo de construcción de una agenda común parece completado.

PALABRAS CLAVE

Seminarios de Arquitectura latinoamericana (SAL). Encuentros Latinoamericanos de revistas de arquitectura. Intercambios. Encuentros culturales. Crítica de arquitectura. Cultura arquitectónica.

TO BALANCE AND TO WEAVE: THE
CONSTRUCTION OF AN INTERCHANGE
THROUGH THE FIRST TWO SAL

ABSTRACT

This article discusses the establishment of cultural meetings happening at precise moments in time which were dependent on the direct engagement of the parties involved. In particular, it focuses on the construction of an exchange that happened regularly over a 10-year period that left deep marks in Latin American architectural culture in the 1980s and 1990s: the Seminars of Latin American Architecture (SAL). Prior attempts to explain the appearance of SAL often emphasized multiple origins. If, on the one hand, the position of multiple sources highlights the individual countries' contributions, it could also lead to the idea that those seminars resulted from fortuitous circumstances, the combination of isolated experiences and coincidences. This paper demonstrates that both the different origins and the engagement of a group of critics contributed to the construction of those seminars. This article demonstrates the existence of an operational effort by some of the individuals who organized the first two seminars, an effort that tried to give meaning and coherence to the above experiences which were initially disconnected. To do so, this article focuses not only on the multiple origins, but also on the work of these individuals, and the strategies and devices that combined to transform a set of multiple interests into a common reflection. The covered period spans from the first exchange essays to II SAL, when this work seems complete.

KEY WORDS

Seminars of Latin American Architecture (SAL). Meetings of latin american architectural journals. Interchange. Cultural encounters. Architectural critics. Architectural culture.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Analisados sob diferentes enfoques e ciclos temporais, os papéis que determinados encontros culturais (BURKE, 2003) desempenharam na constituição de debates e de práticas arquitetônicas e urbanísticas, em épocas e contextos variados, motivam estudos diversos. No âmbito da cultura disciplinar, essas trocas se manifestam tanto como processos que perpassam largas durações, nos quais os agentes envolvidos possuem graus distintos de engajamento e de consciência, quanto como construções cuidadosamente idealizadas por seus atores, e cuja viabilização se dá em curtos ciclos temporais. No primeiro caso, insere-se, por exemplo, a caracterização, ensejada por Jean-Louis Cohen, do americanismo europeu como “*construção coletiva de discursos e práticas nascidas do reconhecimento de um atraso face ao Novo Mundo*” (COHEN, 1995, p. 14). Ao segundo caso correspondem os intercâmbios orquestrados e, em algumas ocasiões, motivados por objetivos tão específicos quanto a simples legitimação pública de um grupo – como identifica Colomina (1996) na atuação da revista *L’Esprit Nouveau* e em sua busca pelo estabelecimento de uma rede internacional de periódicos de vanguarda.

O presente artigo se interessa, em particular, pelos processos de construção dessa última classe de encontros culturais. Emprega-se, portanto, o vocábulo intercâmbio no sentido de especificar, dentro do largo espectro de encontros culturais possíveis, aqueles cuja concretização ocorre em momentos precisos e depende do engajamento direto dos agentes envolvidos. Enfoca-se essa problemática de âmbito geral por meio do estudo dos vestígios iniciais da articulação dos Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL), intercâmbio cuja atuação programática se deu ao longo de dez anos – entre 1985 e 1995² – e marcou profundamente a cultura arquitetônica latino-americana nesse período.

Definidos por alguns como os “*verdadeiros e próprios CIAM latino-americanos*” (NASELLI³, Cesar apud MOSCATO, 1996, p. 73) ou, por outros, como “*jornadas de reflexão e debate entre arquitetos e críticos tendentes a orientar a arquitetura latino-americana rumo à consolidação de uma identidade própria*” (WAISMAN, 1990, p. 73), os SAL obtiveram uma grande publicidade e penetração no subcontinente, garantidas, principalmente, pelas numerosas publicações fomentadas pelas personagens neles engajadas – desde ensaios e críticas à organização de livros conjuntos. Além dessas edições, críticos à frente desses eventos orquestravam também encontros entre representantes de revistas latino-americanas de arquitetura, nos quais se definiam acordos e diretrizes editoriais comuns, para promoção e difusão da produção do subcontinente.

² As mais diversas interpretações concordam em que a forte atuação programática dos SAL, ainda vigente, ocorreu entre 1985 e 1995 – veja-se, por exemplo, Ramírez Nieto (2005), Zein e Bastos (2010) e Segawa (2005). Considerando-se apenas esse período: os I e II SAL ocorreram em 1985 e 1986, na Argentina (Buenos Aires); o III SAL foi realizado na Colômbia (Manizales), em 1987; o IV SAL, no México (Tlaxcala), em 1989; o V SAL, no Chile (Santiago), em 1991; o VI SAL, na Venezuela (Caracas), em 1993; e o VII SAL, no Brasil (São Carlos e São Paulo, SP), em 1995.

³ NASELLI, César. In: CACCIATORE, Patti; RAMOS (Org.). *Las ultimas arquitecturas*. Encontro de reflexión crítica. Buenos Aires: IAA; IAIHAU, 1993.

⁴ A importância dos SAL pode ser verificada tanto pela frequência com que eram citados em críticas, até o início dos anos 90, quanto pelo espaço que lhes dedicam diferentes revisões historiográficas sobre a arquitetura nos anos 80, seja no Brasil ou na América Latina – Cf. Segawa (2005) e Zein e Bastos (2010). Os críticos envolvidos nesses seminários foram responsáveis, entre outros, pela promoção regional de arquitetos como Severiano Porto (Brasil), José Ignacio Díaz (Argentina), Eladio Dieste (Uruguai) e Rogelio Salmona (Colômbia).

⁵ O reconhecimento do desgaste do debate durante o VII SAL, em 1995, aparece quase unânime. O lapso temporal de quatro anos entre este e o VIII SAL – realizado em Lima, em 1999, sob novos moldes – parece confirmar a superação das questões que motivaram os primeiros seminários. Refletindo sobre o VII SAL, Ruth Verde Zein afirmava: “*aparentemente, a época das grandes narrativas de latinoamericanidad já passou.*” (ZEIN, 1995, p. 90).

⁶ Remetemos o leitor às revisões listadas nas referências. Além dessas, há, obviamente, outros textos sobre a “história dos SAL”, escritos sob motivação direta do debate e cujo objetivo era construir-lhe coerência interna.

⁷ A informalidade é uma característica frequentemente reafirmada sobre os SAL – Cf. Zein e Bastos (2010).

⁸ Emprega-se a noção de “objetivo operativo”, tal qual a definição de Tafuri (1979), ou seja, aquele que visa produzir efeitos sobre a prática arquitetônica.

Não obstante sua importância⁴ no cenário latino-americano no período entre o lançamento do debate e o reconhecimento de seu desgaste⁵, os Seminários de Arquitetura Latino-americana foram objeto de raras revisões⁶. Essas infrequentes narrativas de conjunto descrevem-nos, em geral, como espaços que se dedicaram à reflexão sobre questões pertinentes à identidade e ao regionalismo (ZEIN; BASTOS, 2010; SEGAWA, 2005; GARCIA MORENO, 2000). Segawa (2005), por exemplo, em uma tentativa de resumir em poucas linhas as discussões fomentadas nesses eventos, diferenciou-as em dois momentos: um, em que se empregaram e desenvolveram-se conceitos de grande fortuna crítica nas décadas antecedentes – como “centro”, “periferia”, “dependência” e “marginalização” – e outro no qual se ensejou a formulação de expressões e de sínteses próprias – como a noção de “modernidade apropriada”, cunhada por Cristián Fernández Cox.

Entretanto, mais que a caracterização geral do debate que ocorreu nesses eventos, interessa-nos, aqui, compreender quais foram os primeiros passos que permitiram o estabelecimento de um intercâmbio latino-americano com tamanha inserção na cultura arquitetônica da América Latina nos anos 80-90. Quais foram as conjunturas e os dispositivos iniciais que viabilizaram sua materialização? Como se conciliou, durante sua fase de orquestração, a diversidade implícita em sua abrangência regional, com seus objetivos operativos de definir rumos comuns à prática no subcontinente?

A organização de um intercâmbio entre diversos países não é, obviamente, mera obra do acaso; menos ainda seria uma produção explicável pela atuação de um único grupo. As tentativas de explicação para o surgimento dos SAL – Arango (1995) e Ramírez Nieto (2005), por exemplo – enfatizaram, em geral, a existência de múltiplas origens e o caráter informal por meio do qual se estabeleceram esses seminários⁷.

Se, por um lado, a afirmação das diversas procedências busca ressaltar a devida contribuição de cada um dos países envolvidos, por outro, essa incide também no risco de fazer parecer que o surgimento dos seminários seja obra de uma conjuntura fortuita, fruto do somatório de uma série de experiências isoladas e de coincidências. O objetivo deste artigo é demonstrar que, para além dessas contribuições e origens diversas, houve um trabalho operativo⁸, empenhado por algumas das personagens à frente dos dois primeiros seminários, que visou dotar de sentido e coerência as supracitadas experiências, originalmente desconexas. Coloca-se, portanto, em foco, a atuação de críticos em específico, bem como as estratégias e os dispositivos diversos que, combinados, promoveram a conversão de interesses múltiplos em uma pauta de reflexão comum. Postula-se que esse trabalho de articulação e urdidura inicial teria sido concluído ainda durante II SAL, momento em que se afirmaria o espaço da crítica e já se teria a certeza da continuidade desses eventos.

Logo, após uma breve reflexão sobre as origens múltiplas desses seminários – a qual dá continuidade ao trabalho empreendido por Arango (1995) e Ramírez Nieto (2005) –, parte-se para explicitação dos mecanismos que foram ensejados para a afirmação pública de um intercâmbio baseado em interesses comuns: a associação a debates, de profissionais latino-americanos, por meio de editoriais; o preparo do público e dos debatedores para as discussões; a afirmação de pactos coletivos e a criação de artifícios para diminuição de dissonâncias. A demonstração, apresentada neste artigo, baseia-se na análise de um *corpus*

constituído pelos vestígios remanescentes dos primeiros dois SAL – que ocorreram em Buenos Aires, em 1985 e em 1986 –, publicados em revistas de arquitetura latino-americanas. Oscila-se, ao longo do texto, entre uma análise longitudinal desse *corpus* – que visa ao encadeamento dos fatos e sua compreensão diacrônica – e outra temática, cujo objetivo é evidenciar a contribuição de algumas personagens em específico e os mecanismos empregados por essas.

AS MÚLTIPLAS ORIGENS

A explicação do surgimento dos SAL por múltiplas origens é recorrente e parece configurar-se como a mais bem aceita. Nesse sentido, as primeiras exposições bienais de arquitetura em países latino-americanos – a de Santiago do Chile, em 1977, e a de Quito, em 1978 – são apontadas como foros originais, nos quais se agregaram os países do Cone Sul, de uma parte, e os países andinos, de outra. A existência desses antecessores coloca, por vezes, em xeque, até mesmo a originalidade do Primeiro Seminário de Arquitetura Latino-americana, realizado em Buenos Aires, em 1985. Segundo Arango (1995) e Salmona (1988), para os colombianos, o I SAL é considerado como o segundo encontro de arquitetura latino-americana, visto que o primeiro teria sido um evento ocorrido em Cáli, em 1980, do qual participaram profissionais de Cuba, México, Uruguai e Peru⁹.

Nesse contexto, encontros diversos – informais ou formais – entre profissionais que ajudaram a construir os SAL parecem assumir maior importância. Arango (1995) destaca o papel dos historiadores, cujos trabalhos de investigação e viagens teriam levado ao estabelecimento de laços em diversos países latino-americanos. Na mesma direção, Ramírez Nieto (2005) nomeia como “fatos coesivos” as pesquisas realizadas por Ramón Gutiérrez, para elaboração de seu livro *Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica* (1984), e as investigações de Enrique Browne, que resultaram no livro *Otra arquitectura en América Latina* (1988), realizadas com auxílio que recebeu da Fundação Guggenheim em 1983.

O estabelecimento desse intercâmbio incipiente também é pautado pela ação de algumas instituições, como o Taller América, por exemplo. Criado a partir de uma comissão do Colégio de Arquitetos do Chile, em 1982, esse grupo interdisciplinar de discussão, conduzido por Sergio Larraín, Cristián Fernández Cox e Enrique Browne (ZEIN; BASTOS, 2010), constituiu-se em torno do interesse comum sobre “*como a cultura ocidental se transforma quando se enraíza na América*” (BROWNE, 1988, p. 7). Responsável pela promoção de atividades diversas, o Taller América organizou, em seus primeiros anos de atuação, uma série de seminários no recém-criado Museo Chileno de Arte Precolombino¹⁰. Entre esses, destacaram-se os ministrados pelo sociólogo Pedro Morandé, em 1983, sobre a identidade cultural na América Latina (ZEIN; BASTOS, 2010).

Outras instituições, apesar de não terem interesse direto no estabelecimento de um intercâmbio latino-americano, acabaram por contribuir inicialmente para sua concretização, como foi o caso do Centro de Arte y Comunicación (CAYC), representado pela figura polêmica de Jorge Glusberg¹¹. Envolvido em projeto de divulgação da produção argentina, Glusberg organizou, por meio do CAYC, diversas atividades e exposições, na Argentina e no exterior. Algumas delas permitiram o estabelecimento de contatos com profissionais latino-americanos, de modo geral, e

⁹ O Encontro Latino-americano de Cáli foi organizado em 1980, pela Universidad del Valle de Cali. Dele participaram: Mariano Arana (Uruguai), Fernando Salinas (Cuba), Juvenal Baracco (Peru) e Ernesto Alba (México) – Cf. Salmona, 1988.

¹⁰ O Museo Chileno de Arte Precolombino foi criado em 1981, em Santiago do Chile, para abrigar a doação da coleção de Sergio Larraín. A informação sobre a realização dos seminários do Taller América nesse local é oriunda de entrevista de Humberto Eliash, cedida à autora em julho de 2011.

¹¹ O papel ambíguo de Jorge Glusberg, durante o período da ditadura argentina, somado ao controle que exercia sobre o meio artístico argentino dividia, ainda no final dos anos 80, as opiniões de artistas e críticos (Cf. GARCÍA MORENO, B., 1987).

com brasileiros, em específico. Entre a exposição da obra de Joaquim Guedes, em 1978, e a parceria com a revista *Projeto* na organização das exposições “Arquitetura Brasileira Atual/Arquitetura Argentina Atual”, em 1983, passando pelo seminário ministrado por Carlos Nelson dos Santos, nesse mesmo ano¹², o CAYC possibilitou conexões iniciais que explicariam a participação de arquitetos brasileiros nos dois primeiros SAL. Ao escrever sobre o trabalho com o CAYC na organização dessas exposições, o editor da revista *Projeto* descrevia-a como uma “oportunidade de maior aproximação com os outros países da América Latina”, a qual, nas palavras desse, “transformou-se numa obrigação, numa tarefa à qual não [se] pod[ia] fugir” (WISSENBACH, 1983, p. 3).

A esses eventos poderíamos somar outros diversos, cuja contribuição individual para a constituição dos Seminários de Arquitetura Latino-americana talvez tenha sido de importância menor, mas que, em seu conjunto, testemunham uma série de pequenas iniciativas de aproximação. O fato é: desde meados da década de 1970, pode-se acompanhar, nas revistas de arquitetura do subcontinente, uma inserção crescente de temas e reportagens sobre a produção de arquitetos latino-americanos. Essa se manifestou tanto de forma discreta, tal qual a postura inicial da revista *Summa* – que inseriu, sem qualquer menção em seu editorial, correspondentes no Brasil, em 1975, e, posteriormente, no Peru e no Chile, respectivamente em 1980 e 1981 –, como também de forma declarada. Insere-se, nesse último caso, a revista chilena *ARS* – publicada pelo Centro de Estudios de la Arquitectura (Cedla)¹³ – cujo editor, Humberto Eliash, anunciava, em 1979, a mudança de postura do periódico, no sentido de iniciar uma “*ofensiva através da difusão de ensaios críticos, projetos e obras*” de arquitetos latino-americanos (ELIASH, 1979, p. 109).

O evento, no entanto, que seria responsável por reunir publicamente, entre seus convidados especiais, arquitetos e críticos cuja atuação seria fundamental para a consecução do Primeiro Seminário de Arquitetura Latino-americana, foi a IV Bienal de Arquitetura do Chile, em agosto de 1983, coordenada por Pedro Murtinho. Segundo Fernández Cox (1988), essa bienal foi a primeira a propor um tema o qual, de fato, inquietava os arquitetos chilenos naquele momento, e refletia-se no conjunto da exposição: “Patrimonio y Presente: La Recuperación Crítica del Pasado”. Se, por um lado, nas bienais anteriores, já se tinha a participação de arquitetos argentinos¹⁴, nessa, por outro, afirmou-se claramente a vontade de “*dar um caráter ibero-americano à bienal*” e à abordagem das questões debatidas (PÉREZ OYARZUN, 1983, p. 110). Logo, foram convidados para a seção Encuentro desse evento, junto de europeus de renome internacional¹⁵, arquitetos e críticos latino-americanos, como Rogelio Salmona, Juvenal Baracco, Mariano Arana e Marina Waisman – que comporiam a mesa-redonda do I SAL, Jorge Glusberg, que auxiliaria na montagem desse evento, e Roberto Fernández, cujas reflexões críticas sobre a “apropriação” eram referências naquele momento. Além de contar com personagens protagonistas do primeiro seminário, questões que seriam objeto de debate futuro já estavam ali lançadas, como podemos perceber na palestra de Fernández Cox proferida durante a bienal. Nessa ocasião, o arquiteto chileno já postulava um desajuste entre a busca por uma “modernidade ilustrada” e a identificação de tudo que era “próprio” à região como antimoderno (FERNÁNDEZ COX, 1984, p. 53). Como alternativa, propunha uma perspectiva que tivesse como centro o contexto local,

¹² Trata-se do seminário de Carlos Nelson Santos, intitulado “Realidade e utopia no planejamento urbano no Brasil”, que ocorreu em agosto de 1983, na sede do CAYC – Cf. *Summa*, n. 191, set. 1983.

¹³ O Cedla foi um instituto privado de investigações arquitetônicas, fundado em Santiago, em 1977, pelos chilenos Cristián Boza, José Larraín, Jorge Luhrs, Pedro Murtinho, Francisco Muzard e Humberto Eliash.

¹⁴ Na II Bienal de Santiago (1979), participaram: Antonio Díaz, Justo Solsona, Amancio Williams e Clorindo Testa. Na III Bienal (1981), os argentinos foram: Ernesto Katzenstein, Juan Pablo Bonta e Miguel Angel Roca.

¹⁵ Referimo-nos a Álvaro Siza, Rafael Moneo e Manuel Solà-Morales. O mexicano Ricardo Legorreta também esteve presente, porém foi o único, dentre os latino-americanos elencados, que não esteve presente no I SAL. Maiores informações sobre a IV Bienal estão em Pérez Oyarzun (1983).

pelo qual seria possível discernir “o que não é e o que é próprio (apropriável e apropriado) a nossa realidade” (FERNÁNDEZ COX, 1984, p. 53). No ano seguinte, os laços estabelecidos e o interesse pelas especificidades regionais seriam reafirmados em duas ocasiões: o Encontro de Caburga (Chile) – do qual participaram, além de arquitetos chilenos, Juvenal Baracco e Roberto Fernández¹⁶ – e a exposição de arquitetos chilenos organizada em Buenos Aires pelo CAYC¹⁷.

O PAPEL DA REVISTA *SUMMA*

Nesse breve percurso, percebe-se, diante da multiplicidade dos pequenos fatos que compõem o pano de fundo para a criação dos SAL, que qualquer tentativa de panorama incorre na possibilidade de numerosas omissões. No início dos anos 80, a construção de um intercâmbio latino-americano estava claramente colocada em pauta, bastava ser desencadeada.

Dentro desse contexto multilateral de interesse pelo estabelecimento de encontros e trocas culturais, não se pode, contudo, minimizar a relevância dos agentes catalisadores. A organização dos dois primeiros seminários, realizados em Buenos Aires, ficara a cargo de um mesmo órgão editorial, a revista *Summa*. Como entender que, diante de numerosos ensaios ensejados alhures, tenha cabido à *Summa* e sua então editora, Lala Méndez Mosquera, o papel de encabeçá-la?

Em seu texto de apresentação do primeiro Seminário de Arquitetura Latino-americana, Marina Waisman contextualiza sua realização dentro da percepção regional que a “*América Latina só interessa[va] a si mesma*” (WAISMAN, 1985, p. 26): “*tomou-se consciência, por motivo da dívida externa que estrangula quase todos nossos países, de que estamos todos sendo confinados dentro de um único papel no contexto da economia mundial*” (WAISMAN, 1985, p. 26). Antes de apresentar esse argumento comum ao subcontinente, porém, essa crítica apresenta outro, de grande apelo emotivo para os argentinos naquele momento: a Guerra das Malvinas.

De fato, a Guerra das Malvinas parece ter sido o componente que faltava para a promoção da mudança de postura no editorial da *Summa*; após esse evento, a inserção de latino-americanos deixou de ser uma discreta curiosidade pela produção alheia, para se tornar uma bandeira. Logo, aceleraram-se as transformações que se mostravam paulatinamente, desde meados da década de 1970. O primeiro passo, no entanto, foi a busca por uma identidade nacional. A partir desse trágico episódio, é possível verificar um maior número de reportagens e artigos que buscam fomentar a caracterização nacional da arquitetura argentina. Essa mudança de postura é consciente e até mesmo anunciada nos editoriais de Lala Méndez Mosquera, como podemos ver no excerto abaixo, publicado em 1982a:

A preparação de um número que mostrasse uma arquitetura argentina enquadrada na busca de valores próprios, locais, e que se configurasse, portanto, uma expressão mais ou menos consciente de uma identidade nacional, se constituiu em um compromisso interno imediato em nossa Redação a partir da Guerra das Malvinas. Há acontecimentos que modificam substancialmente nossos pontos de referência, nossa escala de valores, e este foi um deles. (MÉNDEZ MOSQUERA, 1982a, p. 15)

¹⁶ Nesse encontro, discutiram-se amplamente as questões pertinentes à identidade cultural. As contribuições apresentadas nesse evento, organizado pelo Cedla, encontram-se no número 5 da revista *ARS*, de 1984.

¹⁷ Informação oriunda de entrevista de H. Eliash, cedida à autora em julho de 2011.

Com essas frases, inaugura-se uma nítida política editorial de “olhar para dentro”. Em pouquíssimo tempo, essa postura entraria em ressonância com outras observadas nos países vizinhos. O “dentro” foi logo identificado também para além das fronteiras da própria Argentina; tornou-se, em apenas alguns meses, a América Latina como um todo. Referindo-se às discussões do Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado na Bahia, em 1982, Lala Mosquera reconhece a semelhança de debates: “o tema da adequação ao meio, inclusive a validade de tal ‘adequação’, se discute assiduamente entre nós e outros países” (MÉNDEZ MOSQUERA, 1982b, p. 13). Encampando – e estendendo-a a seu país – a posição afirmada no referido congresso, que “as posturas pós-modernas de nenhum modo podem servir como modelo aplicável a um país como o Brasil”, a editora aponta, como uma possível saída para a realidade latino-americana, a tomada de uma atitude austera, que defina “um enquadramento correto e um posicionamento equilibrado de limites” (MÉNDEZ MOSQUERA, 1982b, p. 13).

A abertura em direção a uma cultura arquitetônico-urbanística regional reafirma-se no aniversário da revista, em abril de 1983, ocasião em que a integração latino-americana aparece como uma espécie de antídoto:

[...] pretendemos alcançar um ponderado equilíbrio em nossa prática, como postura geral explícita, entre o voltar-se para dentro e o para fora. [...] Significa propor-se o desenvolvimento de uma cultura nacional e regional (latino-americana), sem intenção revanchista nem isolacionista: busquemos um equilíbrio interno, não dependente, que nos fortaleça para nos permitir avançar a par dos demais. (MÉNDEZ MOSQUERA, 1983, p. 15)

A partir desse número, a rede de relações interpessoais, então incipiente, começa a ser referenciada e pontuada nos editoriais de Lala Méndez Mosquera. Compreende-se, dentro desse quadro, que a editora argentina, ao tecer reflexões sobre a dialética entre a busca do novo e o conhecimento da história, afirme concordar com a posição de Joaquim Guedes (MÉNDEZ MOSQUERA, 1984a), bem como o fato de Lala mencionar uma entrevista com Rogelio Salmona, ao ratificar a busca, realizada pela *Summa*, de caminhos enquadrados por uma “problemática nitidamente latino-americana” (MÉNDEZ MOSQUERA, 1984a, p. 19). Ou, ainda, que cite palestras de Pedro Murinho e de Humberto Eliash, como forma de demonstração do avanço do debate sobre a busca de uma identidade latino-americana (MÉNDEZ MOSQUERA, 1984b).

Somar-se-iam, a esses editoriais, um número crescente de reportagens e artigos sobre temas latino-americanos. De tal sorte, que, à exceção de Assis Reis¹⁸, os arquitetos convidados para apresentar suas obras e proferir as palestras magistrais do Primeiro Seminário de Arquitetura Latino-americana já haviam passado pelas páginas da revista *Summa* e/ou da coleção *Summarios*, em anos e edições anteriores.

A importância do papel exercido por Lala Méndez na organização dos primeiros seminários seria reconhecida, posteriormente, no III SAL. No evento realizado na Colômbia, os participantes lhe renderam uma homenagem especial, em gratidão por sua contribuição e seu empenho pessoal para o estabelecimento desses intercâmbios (SALMONA, 1988).

¹⁸ A inserção de Assis Reis deve-se, provavelmente, ao intercâmbio já estabelecido com a Projeto – essa questão, porém, deveria ser ainda mais estudada. Salienta-se, no entanto, que esse arquiteto brasileiro não aparece entre os convidados elencados na nota de divulgação do I SAL, publicada na *Summa*, n. 212, maio 1985.

A PREPARAÇÃO PRÉVIA PARA O DEBATE

Ao contrário do que ocorreria em seminários subsequentes – nos III, IV e V SAL –, as conferências e os debates dos dois primeiros Seminários de Arquitetura Latino-americana não foram objeto de publicação organizada em forma de anais. Tratava-se, naquele momento, de iniciar a construção de um espaço para discussão da arquitetura latino-americana. Obviamente, ao realizar esses primeiros eventos, não se tinha a certeza de sua continuidade nem das proporções que esses tomariam. Responsável pela organização de ambos os eventos, a revista *Summa* se preocupou em fomentar a discussão, mais que em documentá-la.

Nesse sentido, houve um cuidadoso preparo do público leitor, para a compreensão das questões abordadas nos dois primeiros SAL; os resultados, no entanto, de ambos os eventos, podiam apenas ser entrevistados em números posteriores. A revista seguiu, em geral, uma mesma estrutura para a cobertura do debate fomentado nos eventos: a redação de uma crônica geral, na qual transparecem as impressões do narrador e a transcrição integral de sua mesa-redonda de encerramento — no caso do segundo seminário, houve duas, porém apenas uma foi publicada.

Compreende-se, nesse contexto, a precedência a esses eventos de edições especiais com dossiês intitulados *Arquitectura Iberoamericana* e *Arquitectura Iberoamericana II*, publicados em maio de 1985 e em dezembro de 1986, respectivamente. Nesses números, a compilação de trabalhos de arquitetos cujas obras seriam apresentadas nos seminários foi acompanhada por textos teóricos que visavam ampliar a argumentação sobre o assunto¹⁹.

Por ocasião do II SAL, procurou-se dilatar o debate, com o envio de um questionário organizado pela *Summa* a 20 arquitetos argentinos e, posteriormente, aos críticos Ruth Verde Zein, do Brasil, e Gustavo Medeiros, da Bolívia. Esse questionário continha exatamente as mesmas perguntas que orientariam as mesas-redondas daquele evento; preparava-se, dessa forma, não apenas o público geral, mas também seus debatedores. As respostas recebidas a esse questionário foram publicadas nos números da *Summa* dedicados ao segundo seminário.

Ora, se grande parte do que foi publicado nos números da revista *Summa*, e que compõe nosso *corpus* sobre os dois primeiros SAL, não o foi, de fato, durante os eventos, mas se trata apenas de elementos que visavam preparar o público para o debate, é preciso perguntar o que foram exatamente esses eventos. Para tanto, é preciso recorrer às breves crônicas, elaboradas sobre eles – as quais constam na *Summa*, n. 217, de setembro de 1985, e n. 235, de março de 1987 –, bem como às transcrições das mesas-redondas, que foram divulgadas – edições n. 214, de julho de 1985, e n. 235, de abril de 1987.

A ARTE DE REGER UMA ORQUESTRA POLIFÔNICA: O PRIMEIRO SAL

Além de contarem com organizadores semelhantes – a revista *Summa* e a UNBA²⁰ –, os dois primeiros SAL aconteceram no mesmo local, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires. As situações que neles

¹⁹ No primeiro número, nomeado *Arquitectura Iberoamericana* – *Summa*, n. 212 –, publicaram-se textos teóricos de Octávio Paz, Pedro Morandé, Marina Waisman, Joaquim Guedes, Carlos Fuentes e Jorge Glusberg. No segundo, *Summa*, n. 232, publicou-se apenas o texto de Enrique Browne, *Espíritu de la época y espíritu del lugar*.

²⁰ No I SAL, contou-se com patrocínio do CAYC – ver divulgação do I SAL na *Summa*, n. 212, maio 1985.

ocorreram, contudo, foram significativamente distintas. Durante o I SAL, essa instituição de ensino também foi palco das palestras noturnas da I Bienal de Buenos Aires²¹. O segundo seminário, no entanto, realizado em 1986, afigurou-se como “*um dos acontecimentos mais concorridos do ano na FAU*” (SAL II..., 1987, p. 24) e aconteceu em meio às avaliações dos trabalhos de conclusão de curso.

A simultaneidade da Bienal não pareceu, no entanto, diminuir o número de participantes interessados no I SAL – realizado entre 20 e 25 de maio de 1985. Pelo contrário, ambos os eventos foram percebidos de forma associada: o I SAL foi proposto como um marco da I Bienal²², exposição cujo tema, “identidade e região” – ao qual correspondeu um de seus colóquios –, foi, nas palavras de Glusberg, “*consequência das inquietudes que, nos últimos anos, se manifestam entre os arquitetos latino-americanos*” (GLUSBERG, 1985, p. 29). Por conseguinte, as manhãs dedicadas ao SAL puderam contar com uma multidão de arquitetos e estudantes (WAISMAN, 1985). Nessas seções matutinas, os arquitetos convidados – Pedro Murtinho e Enrique Browne (Chile), Mariano Arana (Uruguai), Abraham Zabłudovsky (México), Rogelio Salmona e Laureano Forero (Colômbia), Joaquim Guedes, Assis Reis e Severiano Porto (Brasil) – apresentaram suas obras e suas posturas teóricas.

A crônica escrita por Marina Waisman permite-nos perceber que as palestras então proferidas estavam longe de construir um consenso. O debate fomentado na Argentina, principalmente pela ação de Lala Méndez e de Ramón Gutiérrez, encontrou ressonâncias diretas apenas entre os colombianos e, sobretudo, entre os chilenos. Segundo a cronista, Browne, ao expor sua proposta de junção entre o “espírito do tempo” e o “espírito do lugar”, apresentara a reflexão mais sólida do encontro (WAISMAN, 1985). Entre os demais países representados, a adesão por completo não ocorre: Mariano Arana enfocara, para a decepção dos organizadores, sua atuação política, sem expor os trabalhos que vinha desenvolvendo em Montevidéu; Joaquim Guedes espantara os presentes com sua palestra, a qual, nas palavras de Waisman, foi percebida como a “*proposição de uma espécie de suicida laissez-faire de ultradesenvolvimento*” (WAISMAN, 1985, p. 27); por último, Zabłudovsky enfatizara em demasia os aspectos construtivos de sua obra, sem passar por questões teóricas.

Apesar de reconhecer essas dissonâncias, o texto de Waisman procura dirimi-las; reforçam-se, para tanto, os traços comuns, e tenta-se dotar de coerência o conjunto do evento. Assim, Rogelio Salmona e Severiano Porto – premiado na I Bienal de Buenos Aires – são apontados como as grandes estrelas do evento, em cujas obras as proposições teóricas de Browne tornavam-se patentes (WAISMAN, 1985). Dentre os resultados desse seminário, a cronista indica o descobrimento da qualidade da arquitetura latino-americana contemporânea, bem como uma suposta constatação coletiva de “*afãs comuns de busca de uma identidade arquitetônica e da variedade de vias pelas quais esta pode seguir*” (WAISMAN, 1985, p. 27). Para Marina, a expressão “estar em dia” passaria, a partir de então, a significar “*antes de tudo, estar em dia com o que ocorre na América Latina*” (WAISMAN, 1985, p. 27).

As diferenças, ligeiramente narradas por Marina Waisman, entre os palestrantes do primeiro SAL, apareceram com maior nitidez na transcrição da mesa-redonda – cuja realização ocorreu informalmente, em sítio de Lala Méndez²³. Compuseram essa mesa os arquitetos cujas obras foram debatidas nas seções do SAL – exceto Zabłudovsky –, bem como críticos ligados à *Summa*. A revista foi representada, contudo, não apenas por sua equipe direta – Lala Méndez Mosquera,

²¹ Refere-se ao artifício, improvisado por Jorge Glusberg e Berardo Dujovne, para contornar a situação inesperada de o número de inscritos ter superado a capacidade do local reservado para a bienal (GLUSBERG, 1985).

²² Vinculação presente na divulgação do I SAL (*Summa*, n. 212, maio 1985) e na mesa-redonda (SAL II..., 1985).

²³ Informação oriunda de entrevista de Ruth Verde Zein, cedida à autora em abril de 2011.

Marina Waisman, Marcelo Martín, Julio Cacciatore e Miriam Chandler –, como também por correspondentes estrangeiros: Juvenal Baracco e Pedro Belaúnde, do Peru, e Ruth Verde Zein, do Brasil²⁴. O debate se orientou em torno de três questões: uma relativa à adoção ou à adaptação de estilos internacionais incidentes na região, outra sobre a arquitetura como identidade regional, e, a última, sobre o uso de tecnologias próprias para produção do subcontinente – ver *Summa*, n. 214.

As discussões iniciaram com a própria definição da noção de América Latina e, conseqüentemente, de sua identidade. Salmona, por exemplo, defendia a necessidade de matizar as questões debatidas nas diferentes regiões do subcontinente, afirmando que não havia uma identidade homogênea e apoiada em contornos geográficos. Avançando nessa questão, alguns, como Murtinho, apontaram a existência de três regiões – a das grandes civilizações pré-colombianas, a do Cone Sul e a lusitana. Outros, como Arana, percebiam a diversidade até dentro de um mesmo país. A identidade latino-americana era, para alguns, como Browne, uma essência a ser descoberta; enquanto, para outros, era algo já patente – Assis Reis, por exemplo, propunha seu reconhecimento a partir dos aspectos socioeconômicos e históricos comuns aos países latino-americanos. De modo geral, o debate apontou uma crise de identidade cultural. Juvenal Baracco, no entanto, posicionando-se no outro extremo, afirmou a inexistência de “problemas de identidade”; esses seriam, segundo o peruano, fruto de uma construção de intelectuais e críticos.

A pluralidade de posturas é observável, também, nas demais questões do debate. Sobre o tema da penetração de influências estrangeiras no subcontinente, as posturas oscilaram, em geral, entre aquelas que buscaram diferenciar seus impactos nas distintas regiões – afirmando que, em determinadas situações, essas foram extremamente nefastas –, e outras que defenderam sempre existir um trabalho de tradução cultural, de adequação ao meio. Nesse contexto, a voz mais dissonante foi, de fato, a de Joaquim Guedes, que questionou a pertinência do debate, ao afirmar a impossibilidade de oposição à invasão cultural internacional. Sobre o uso de tecnologias apropriadas, o debate mais acirrado deu-se entre Severiano Porto e Guedes. Enquanto o primeiro propunha uma postura voltada à utilização de técnicas tradicionais regionais, o segundo defendia o uso em massa da pré-fabricação.

COMPASSANDO A DIVERSIDADE: A CARTA DE BUENOS AIRES E O ACORDO DE SANTIAGO

A existência de notas desarmônicas, acima descritas, não impediu, no entanto, que se construíssem algumas confluências de ideias, que constituiriam o lastro sobre o qual se apoiariam os eventos subsequentes. Em meio à manifestação pública de posturas divergentes, algumas personagens à frente do debate procuraram redigir documentos – e submetê-los à adesão por assinaturas – que testemunhassem tanto a existência de pontos de convergência como o compromisso assumido em prol de fomentar sua construção.

Nesse contexto, no dia de encerramento do I SAL e da I Bienal de Buenos Aires, houve uma reunião, na Sociedade Central de Arquitetos, em que se discutiu, elaborou e referendou a *Convocatória para uma proposta Ibero-americana em arquitetura* (MENDEZ MOSQUERA, 1985), posteriormente também nomeada de

²⁴ Ruth Verde Zein afirmou, em entrevista concedida à autora em abril de 2011, que participou dessa mesa a convite de Joaquim Guedes e Severiano Porto.

Carta de Buenos Aires (GUTIERREZ et al, 1991). Esse documento – encabeçado por Ramón Gutiérrez, Lala Méndez e Rogelio Salmona (GUTIERREZ et al, 1991) – foi promovido tanto por arquitetos que participaram do I SAL quanto por outros, os quais debateram no colóquio *Identidad y Región* da I Bienal²⁵ e estavam insatisfeitos com os rumos internacionalistas dados a essa mostra²⁶. Estavam presentes, na discussão dessa carta, 50 arquitetos (ELIASH, 1985), porém ela circulou, ao longo do ano, em outros eventos latino-americanos, e recolheu, ao final, 151 assinaturas²⁷.

Trata-se do único manifesto coletivo assinado e vinculado diretamente à esfera ampla dos SAL, durante os dez anos em que esses seminários tiveram uma atuação programática. Seus propósitos se baseavam, grosso modo, na oposição à “*complacente atitude de transcrição da produção dos centros do pensamento arquitetônico*”; na proposição de uma nova práxis arquitetônica, que se apoiasse na revalorização da história e do entorno latino-americanos, assim como no respeito às identidades culturais; na busca pela elaboração de uma teoria própria a qual obtivesse uma proximidade com a prática; e, por último, na afirmação da necessidade de uma reorientação do ensino da prática e da teoria no subcontinente (MENDEZ MOSQUERA, 1985, p. 17). Os subscritores desse manifesto se definiam como “*grupo de discussão e proposta que encarará encontros periódicos ibero-americanos, bem como uma equipe de reflexão tendente à elaboração de uma teoria arquitetônica própria*” (MENDEZ MOSQUERA, 1985, p. 17).

Malgrado o fato de não ter contado com a adesão de todos os arquitetos convidados a participar do I SAL – Assis Reis, Joaquim Guedes, Abraham Zabudovsky e Ruth Verde Zein não constam na lista de subscritores – e da coleta de novas assinaturas ter-se dado ao longo de eventos posteriores, a *Carta de Buenos Aires* foi recebida pela mídia especializada como “*encerramento e síntese do [primeiro] seminário*” (PROA NOTÍCIAS, 1986, p. 26).

A *Carta de Buenos Aires* não foi, no entanto, o único pacto firmado durante o período programático dos SAL. Antes mesmo da realização do II SAL, surgiram novos acordos, circunscritos, no entanto, a um grupo restrito de participantes: os representantes de revistas de arquitetura e urbanismo. Os I e II encontros ibero-americanos de revistas de arquitetura ocorreram junto das quintas edições das bienais do Chile e do Equador, em setembro de 1985 e em setembro de 1986, respectivamente. O primeiro encontro de revistas, realizado em Santiago do Chile, interessa-nos particularmente, pois deu continuidade direta ao debate de Buenos Aires, que o precedeu em alguns meses. Nesse evento, “*reafirmaram[-se] os conceitos básicos da Carta [de Buenos Aires] dando-lhes continuidade no tempo*” (PROA..., 1986, p. 26) e aplicaram-nos diretamente ao trabalho editorial latino-americano. Dessa reunião participaram representantes de 24 revistas de arquitetura (23 latino-americanas e uma espanhola²⁸), que definiram juntos os termos de um novo pacto – nomeado “Acordo de Santiago do Chile”. Com esse acordo, propuseram-se metas e compromissos mútuos, a fim de ampliar a difusão da produção ibero-americana e de promover o intercâmbio entre os periódicos representados – desde o envio mútuo de índices, capas e notas de divulgação, até o compromisso de produzir uma publicação anual sobre a arquitetura do subcontinente.

Ou seja, afirmava-se publicamente o engajamento dos meios de divulgação – e de seus editores responsáveis – na busca pela ampliação do conhecimento sobre a

²⁵ Dentre os 14 participantes desse colóquio, apenas cinco assinaram a *Carta de Buenos Aires*. Alguns deles se engajariam diretamente nos SAL: Ramón Gutiérrez (Argentina), Cristián Boza (Chile) e Gustavo Medeiros (Bolívia). Para maiores informações sobre o colóquio *Identidad y Región*, Murtinho (1985).

²⁶ Informação repetida em entrevistas cedidas à autora: R. V. Zein, em abril de 2011) e H. Eliash, em julho de 2011.

²⁷ Dentre os subscritores, 111 eram argentinos, 16 chilenos, nove uruguaios e 15 se dividiam entre colombianos, peruanos, brasileiros, equatorianos, costarrriquenhos, boliviano e paraguaio (GUTIERREZ et al., 1991). Apenas dois brasileiros assinaram esse documento: Maria Luiza de Carvalho (como representante da revista *Módulo*) e Severiano Porto. Não há informações quanto às datas das assinaturas.

²⁸ Participaram representantes de revistas: argentinas (*ambiente*, *DANA*, *SCA*, *Summa*), brasileiras (*Módulo* e *Projeto*), colombianas (*Escala*, *Hito* e *Proa*), chilenas (*Arq*, *Arquitecturas del Sur*, *ARS*, *Auca*, *CA* e *Taller América*), equatoriana (*Trama*), peruana (*Habitar*), uruguaios (*Arquitectura e Trazo*) e espanhola (*UR*) – Cf. Gutierrez et al. (1991).

produção arquitetônica ibero-americana. Tal postura foi reafirmada no encontro de Quito, por meio de um novo acordo. Buscava-se, portanto, compassar as políticas editoriais das revistas de arquitetura do subcontinente e fomentar, dessa forma, o debate sobre as questões regionais. A partir do terceiro encontro de revistas, realizado durante o III SAL, a vinculação desses eventos aos Seminários de Arquitetura Latino-americana tornou-se ainda mais clara: os encontros passaram, a partir de então, a seguir sua numeração e a ocorrer simultaneamente àqueles²⁹. Substituiu-se, também, em seu nome, o termo “ibero-americano” por “latino-americano”.

O SEGUNDO SAL: O ESPAÇO DA CRÍTICA E A MATIZAÇÃO DO DEBATE

A afirmação pública do engajamento de periódicos no debate fomentado pelos SAL permitiu, em parte, a conformação de maior espaço ao papel da crítica, no segundo seminário. Realizado em dezembro de 1986, o II SAL apresentou certas inovações em relação ao primeiro: além das reflexões a partir da exposição de obras de arquitetos – que ocorreram durante as manhãs –, introduziram-se palestras noturnas proferidas por críticos latino-americanos.

Nas seções destinadas ao debate sobre obras – excetuando-se as palestras de abertura, voltadas à questão da tecnologia apropriada e proferidas por Rogelio Salmona e Severiano Porto –, propôs-se a apresentação de trabalhos de argentinos³⁰, seguida da de arquitetos de outro país latino-americano³¹. Dentre os arquitetos estrangeiros convidados a expor sua obra, apenas os dois supracitados também estavam no I SAL. O chileno Edward Rojas, por exemplo, não participara dos eventos anteriores nem assinara seus acordos. De forma semelhante, o boliviano Gustavo Medeiros também não debatera no I SAL, porém estivera entre os arquitetos convidados a participar do colóquio *Identidad y Región*, da I Biental de Buenos Aires – ver nota 24 – e nessa ocasião subscreveu a *Carta de Buenos Aires*.

Se, entre os arquitetos estrangeiros expositores de suas obras, uma parte significativa ensaiava seus contatos com o SAL, essa situação não se repetiu junto dos críticos convidados. Apenas Willian Niño, da Venezuela, tomou conhecimento do debate a partir de sua participação nesse evento. Ruth Verde Zein compusera a mesa-redonda do primeiro seminário, e a colombiana Silvia Arango assinara a *Carta de Buenos Aires* e representara a revista *Proa* no encontro do Chile. A abertura e o encerramento das seções destinadas a críticos ficaram por conta dos anfitriões: Ramón Gutiérrez apresentou, no primeiro dia, uma palestra sobre a Ibero-América até 1930, e Marina Waisman encerrou o evento com uma reflexão sobre os instrumentos e os caminhos possíveis na construção de uma arquitetura latino-americana.

Segundo a crônica publicada sobre esse evento, a discussão gerada a partir das seções de palestras desenvolveu-se em torno dos seguintes temas: análise e reedição das arquiteturas vernácula e popular; estudo da arquitetura de personagens paradigmáticas da região; a história da arquitetura latino-americana como base para a crítica da produção contemporânea e, por último, a elaboração de “*ideias e propostas para o desenvolvimento de um pensamento arquitetônico latino-americano*” (CRÔNICA DE II SAL, 1987, p. 23).

²⁹ Após o VII SAL e a afirmação do desgaste do debate sobre a identidade, os encontros de revistas foram interrompidos, até 2009, quando se resolveu retomar sua realização, junto da programação do XIII SAL.

³⁰ Trata-se de arquitetos recorrentes nas edições da *Summa*: Eduardo Sacriste, José Ignacio Díaz, Cesar Luis Carli e Giancarlo Pупpo. Todos assinaram a *Carta de Buenos Aires*.

³¹ Grade de programação do II SAL, publicada na revista *Summa*, n. 231, nov. 1986.

³² Eduardo Sacriste apresentou suas obras no evento, porém não participou do debate.

No ímpeto de finalizar o seminário de forma semelhante ao anterior, a revista *Summa* organizou duas mesas-redondas: uma de arquitetos práticos, outra de críticos. Os argentinos José Ignacio Diaz, Cesar Luis Carli e Giancarlo Puppo³² e os estrangeiros Rogelio Salmons, Severiano Porto, Gustavo Medeiros e Edward Rojas, que expuseram suas obras durante o evento, participaram de um debate conduzido por Juan Manuel Borthagaray, decano da FAU-UNBA. A outra mesa-redonda, destinada somente aos críticos, refletiu sobre as mesmas questões. Apesar de ambas as discussões terem sido registradas, somente essa última teve sua transcrição divulgada na revista *Summa* (SAL II..., 1987).

Tal qual se constatou no debate do I SAL, a mesa composta por Silvia Arango, Willian Niño, Ruth Verde Zein, Ramón Gutiérrez e Marina Waisman foi marcada pelo confronto entre opiniões distintas. Os temas de discussão mantiveram a mesma linha do evento anterior; as questões conduziram à reflexão do que seria uma identidade latino-americana, de quais seriam as repercussões da incidência de estilos internacionais na América Latina, da relação entre modernidade e identidade e do uso de tecnologias apropriadas. O debate iniciou com a exposição de Willian Niño, que assumiu seu distanciamento perante as questões postuladas, pelas quais, admitia, nunca havia se interessado (SAL II..., 1987).

Apesar de recém-introduzido ao debate, Willian Niño justificou seu desconhecimento devido ao isolamento da Venezuela e esforçou-se para tentar acompanhá-lo. Contudo, se por um lado reconhecia a possibilidade de existência de uma identidade latino-americana baseada na forma de produzir cultura, por outro afirmava que “*as obras mais transcendentales da América Latina*” não nasciam dessa preocupação, e essa seria justamente a característica que lhes garantia uma maior projeção internacional (SAL II..., 1987, p. 28).

Ocupando a posição de centro das argumentações e polarizando as demais questões, a existência ou não de uma identidade latino-americana continuava a gerar polêmica, mesmo entre os *habitués* do debate. Para Ramón Gutiérrez, a identidade latino-americana seria um fato tangível, posto em risco, porém, pela desintegração e pelo isolamento entre os países da América Latina (SAL II..., 1987). Em contraponto, Silvia Arango descartava a ideia de uma identidade patente e originária, afirmava-a “*como uma vontade cultural de construção para o futuro [...] que não parece existir tão claramente no passado*” (SAL II..., 1987, p. 29). Marina Waisman alertava para a possibilidade de a ênfase demasiada na unidade latino-americana tornar-se apenas uma ligeira retórica, visto que “*a identidade como convicção se encontra entre poucas pessoas, especialmente em áreas afastadas das metrópoles*” (SAL II..., 1987, p. 29). Para Ruth Verde Zein, a definição de identidade latino-americana e de sua arquitetura pertinente dar-se-ia em processo contínuo, sempre por modificar-se e refazer-se, sem regras ou modelos definidos – e admitindo grande diversidade em seu interior (SAL II..., 1987).

Dissonâncias semelhantes verificam-se nos outros temas de discussão. Sobre a questão da modernidade, houve tanto posturas que se afirmaram em um plano mais teórico – como a de Marina Waisman, ao propor uma reformulação desse conceito, de forma a adequá-lo à realidade latino-americana –, como outras, mais frequentes, que ambientaram a discussão dentro das cidades do subcontinente. Arango e Gutiérrez associaram a crise da modernidade àquela das grandes cidades latino-americanas. Já Willian Niño defendeu a cidade do movimento moderno, afirmando que os problemas urbanos então apontados não eram pertinentes a esse

projeto. Por ocasião do debate da temática da tecnologia apropriada, Silvia Arango se contrapunha às asserções anteriormente anunciadas por Ruth Verde Zein, afirmando que a ênfase na diversidade era, por vezes, demasiada; que havia, para além dessa, uma série de pontos comuns entre os países em questão – indicando, como exemplo, a busca de formas de construção adequadas (SAL II..., 1987). Por sua vez, a crítica brasileira, em réplica, apontava para o perigo de enumerar-se e definir tecnologias apropriadas – o que corresponderia “seria ditar sobre o autêntico” (SAL II..., 1987, p. 32-33).

Diferentemente do primeiro seminário, no entanto, observa-se no II SAL uma maior matização do debate. Frequentemente, procurou-se diferenciar a situação em debate, entre aquela presente nos pequenos povoados latino-americanos – nos quais haveria um maior arraigamento da cultura regional – e a outra, relativa às grandes metrópoles do subcontinente, mais próximas, portanto, da cultura ocidental. Essa distinção de contextos em que se inserem os conceitos debatidos foi introduzida por Marina Waisman, durante a mesa-redonda, e acabou sendo desenvolvida nas arguições dos outros debatedores. A matização da discussão tornou-se, nessa ocasião, a chave para a promoção de um maior entendimento entre os diferentes olhares presentes: sejam aqueles mais metropolitanos, como o de Arango; ou os outros voltados aos pequenos povoados, como o de Gutiérrez.

A despeito das divergências apontadas durante a exposição das discussões ensejadas no II SAL, os críticos presentes a esse evento reuniam-se sob a certeza da realização do terceiro seminário, que já organizavam. Meses antes da realização desse segundo evento, Rogelio Salmona, Silvia Arango, Laureano Forero, Sergio Trujillo e Ramón Gutiérrez encontraram-se para decidir o formato do III SAL (JARAMILLO JIMENEZ, 1988), que ocorreu em Manizales (Colômbia), em abril de 1987. A busca pela definição de mecanismos conceituais que possibilitassem uma maior convergência no debate insere-se, portanto, nesse contexto – e seria retomada ao longo da história desses eventos.

³³ Gutiérrez afirmava, na abertura do III SAL, em 1987, antever que esse seria histórico (GUTIERREZ, 1988).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findo o segundo seminário, encerra-se a vinculação direta dos SAL a Buenos Aires e à organização da *Summa*; inicia-se, por outro lado, sua longa jornada em busca constante por novos ancoradouros no subcontinente. As viagens trouxeram, para além da ampliação do público, mudanças significativas em seus formatos. Deixaram-se para trás os tempos heroicos – em que os convidados podiam sentar-se informalmente em torno de uma mesa –, para assumir o desafio de congregar numerosas apresentações. Não havia mais espaço para o improviso; acreditava-se, desde então, produzir história³³. Os dispositivos, no entanto, que permitiram tal cenário, foram construídos entre os primeiros dois seminários.

Ao longo do que foi aqui exposto, pode-se comprovar que o surgimento dos SAL foi, em parte, fruto de uma série de eventos e encontros ocorridos entre o final da década de 1970 e início dos anos 80; em outra, obra da atuação programática de alguns críticos em específico. Certamente, aqueles primeiros testemunham a vontade de aproximação entre arquitetos do subcontinente e constituem os pontos iniciais de contato entre as personagens que, posteriormente, engajar-se-iam nos SAL. Todavia, diante da inexistência de um discurso unívoco nesses eventos,

desvela-se um trabalho cuidadoso, empenhado por críticos que ansiavam por sua instauração, no sentido de buscar urdir um consenso em meio à diversidade.

Esse labor passou pelo preparo prévio, tanto do público leitor, para a compreensão do debate futuro, quanto até mesmo de seus debatedores. Além dessa organização antecipatória aos eventos, as crônicas que lhe eram destinadas buscavam diminuir as dissonâncias e indicar possíveis convergências nas discussões. Os pactos coletivos, firmados em meio ao cenário instável inicial, seriam responsáveis pela criação e identificação de grupos – tanto o de representantes das revistas como aquele dos subscritores da *Carta de Buenos Aires*. A matização do debate – proposta por Marina Waisman, na mesa-redonda do II SAL – revelou-se, no entanto, como a fórmula mais eficaz na promoção de um maior entendimento entre os olhares divergentes ali manifestos. O sucesso dos dispositivos e das estratégias iniciais empregadas pode ser verificado na certeza que já se tinha da continuidade desse intercâmbio durante o III SAL, em abril de 1987 (GUTIERREZ, 1988), e na publicidade que esses eventos obtiveram, até meados dos anos 90.

REFERÊNCIAS

- ARANGO, S. Diez años de los “SAL” en América Latina. *PROA*, Bogotá: PROA, n. 425, p. 20-22, jun. 1995.
- BROWNE, E. *Otra arquitetura en América Latina*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1988.
- BURKE, P. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CANCLILI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008.
- COHEN, J-L. *Scènes de la vie future: l'architecture européenne et la tentation de l'Amérique 1893-1960*. Paris: Flammarion; Centre Canadien de l'Architecture, 1995.
- COLOMINA, B. *Privacy and publicity*. Modern architecture as mass media. Cambridge: MIT Press, 1996.
- CRÔNICA de II SAL. Latinoamérica: balance y prospectiva. *Summa*, Buenos Aires, n. 235, p. 22-24, abr.1987.
- ELIASH, H. Arquitectura Contemporánea Latinoamericana. *ARS*, Santiago: CEDLA, n. 3, p. 109-112, ago. 1979.
- . Declaración de Buenos Aires. *ARS*, Santiago: CEDLA, n. 6, p. 95-96, 1985.
- FERNÁNDEZ COX, C. Tres notas para una reflexión sobre las bienales. *CA*, Santiago: Colegio de Arquitectos, n. 52, p. 61-62, jun. 1988.
- . Recado a los arquitectos de Hispanoamérica. *PROA*, Bogotá, n. 337, p. 53, dez. 1984.
- GLUSBERG, J. Bial Internacional de Aquitetura de Buenos Aires BA/85. *Summa*, Buenos Aires, n. 217, p. 29, 1985.
- GUTIERREZ, R. Intervención del Arq. Ramón Gutierrez en la inauguración del III Encuentro de Arquitectura Latinoamericana. In: ENCUESTRO DE ARQUITECTURA LATINO-AMERICANA, 3, Manizales, 1987, *Anais...* Buenos Aires: CAPBA D III, 1988, p. 2.
- GUTIERREZ, R. et al. (Org.). *Arquitectura latinoamericana*. Pensamiento y propuesta. México: UAM; Unidad de Xochimilco, 1991.
- JARAMILLO JIMENEZ, J. O. Intervención en la inauguración del III Encuentro de Arquitectura Latinoamericana. In: ENCUESTRO DE ARQUITECTURA LATINO-AMERICANA, 3, Manizales, 1987, *Anais...* Buenos Aires: CAPBA D III, 1988. p. 1.
- MENDEZ MOSQUERA, L. Editorial. *Summa*, Buenos Aires, n. 218, p. 17, out. 1985.
- . Editorial. *Summa*, Buenos Aires, n. 198, p. 19, abr. 1984a.
- . Editorial. *Summa*, Buenos Aires, n. 204, p. 22, set. 1984b.

- MENDEZ MOSQUERA, L. Editorial. *Summa*, Buenos Aires, n. 186, p. 15, abr. 1983.
- . Editorial. *Summa*, Buenos Aires, n. 180, p. 15, out. 1982a.
- . Editorial. *Summa*, Buenos Aires, n. 182, p. 13, dez. 1982b.
- MOSCATO, J. Architeti in America latina. In: GUTIÉRREZ, R. (Org). *Architettura e società*. L'América Latina nel XX secolo. Milão: Jaca Book, 1996. p. 65-76.
- MURTINHO, Bienal de Arquitectura de Buenos Aires 85. *ARS*, Santiago: CEDLA, n. 6, p. 71-72, set. 1985.
- PEREZ OYARZUN, F. Sección Encuentro: El Futuro del pasado. *CA*, Santiago: Colegio de Arquitectos, n. 35, p. 110-111, 1983.
- PRIMER Seminario de Arquitectura Latinoamericana. *Summa*, Buenos Aires, n. 214, p. 24-26, jul. 1985.
- PROA Noticias. *PROA*, Bogotá, n. 351, p. 26, jun. 1986.
- RAMÍREZ NIETO, J. El pensamiento a través de los Seminarios de Arquitectura Latinoamericana. In: SEMINARIO DE ARQUITECTURA LATINOAMERICANA, 9., Oaxtepec, 2005. *Anais...* Oaxtepec: VAM; UAM, 2005. Paginação irregular.
- SAL II: Seminarios de Arquitectura Latinoamericana. Mesa Redonda. *Summa*, Buenos Aires, n. 236, p. 28-33, abr. 1987.
- SALMONA, Rogelio. Clausura al III Encuentro de Arquitectura Latinoamericana. In: ENCUESTRO DE ARQUITECTURA LATINOAMERICANA, 3., Manizales, 1987. *Anais...* Buenos Aires: CAPBA D III, 1988. p. 111.
- SEGAWA, H. La condición latinoamericana. *Arquitectura Latinoamericana Contemporánea*. Barcelona: GG, 2005.
- WAISMAN, M. Primer Seminario de Arquitectura Latinoamericana. Un auspicioso comienzo. *Summa*, Buenos Aires, n. 217, p. 26-28, set. 1985.
- . *El Interior de la Historia*. Bogotá: Escala, 1990.
- WISSENBACH. Editorial. *Projeto*, São Paulo: Projeto Ed., n. 53, p. 3, jul. 1983.
- ZEIN, R. V. Revistas & Revistas. *Projeto*. São Paulo: Projeto Ed., n. 190, p. 90, out. 1995.
- ZEIN, R. V.; BASTOS, M. A. Outras arquiteturas brasileiras e os debates latino-americanos do regionalismo. *Brasil: Arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- TAFURI, M. *Teorias e história da arquitetura*. Lisboa: Presença, 1979.

Nota do Editor

Data de submissão: abril 2011

Aprovação: julho 2011

Gisela Barcellos de Souza

Arquiteta e urbanista, mestre em Projet Architectural et Urbain pela Université de Paris VIII, doutoranda na pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, bolsista Capes P.031311-4 e professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá.

UEM/DAU

Avenida Colombo, 5.790

87020-900 – Maringá, PR, Brasil

gbsouza2@uem.br.